

CENTENÁRIO DE ÁLVARO CUNHAL

A obra literária e artística

O nome "Álvaro Cunhal" remete inevitável e perenemente para o líder comunista, o mais militante dos militantes de causas, o histórico estratega de um ideário vencido no período revolucionário pós 25 de Abril.

Mas há um "outro Cunhal", igualmente notável e vigoroso, cada vez mais esquecido: o escritor, o artista, o homem de pensamento.

Na ficção, diversos títulos entre romances, contos e novelas. Nas artes plásticas, trabalhos que dão igualmente a estatura cultural e cívica do homem da política, leal à arte de modo mais recatado. Primeiro livro, o romance *Até Amanhã, Camaradas*, foi publicado em 1974, trazendo ao público o autor Manuel Tiago, pseudónimo que Álvaro Cunhal desvenda vinte anos depois, quando, em 1994, é apresentada outra obra sua: *A Estrela de Seis Pontas*.

Nos meios cultural e político suspeitava-se, entretanto, quem seria o "misterioso escritor", em especial pela temática romanesca, a maneira como o texto e as personagens realizam uma dialética fundada no movimento do neorrealismo, mas sobretudo pela abundante matéria vivencial, mais explícita ou não, num timbre ficcional dentro dos cânones do "realismo socialista" e de um "realismo-humanismo" próximo de Gorki. Outros autores em Portugal abraçaram esta corrente, entre eles Alves Redol, Fernando Namora e Manuel da Fonseca, escritores que viriam a apurar o estilo e a revigorar o casamento da forma com o conteúdo.

Dos escritores portugueses ligados ao neorrealismo refira-se ainda Soeiro Pereira Gomes, de quem Álvaro Cunhal ilustrou a capa do

romance *Esteiros* (1941), obra com o sóbrio cunho do autor falecido aos 40 anos.

Manuel Tiago assina, entre outras obras: *Até Amanhã*, *Camaradas* (adaptado para televisão/SIC numa realização de Joaquim Leitão), *Cinco Dias*, *Cinco Noites* (levado ao cinema por João Fonseca e Costa), *A Estrela de Seis Pontas*, *A Casa de Eulália*, *Fronteiras*, *Um Risco na Areia*, *Sala 3* e *Outros Contos*, *Os Corrécios* e *Lutas e Vidas*. Esta escrita romanesca, situada na primeira metade do século XX, é atravessada pelo ideal sócio-político de um vulto que, entre seguidores e discordantes, marcou a história do comunismo em Portugal. É entre as décadas de trinta e sessenta que, por mais de uma vez, Cunhal sofre a prisão.

Desde jovem interessado pelos universos da política e da cultura, dentro e fora do espaço nacional, Cunhal contacta, por exemplo, na *Seara Nova* e no *Diabo*, com figuras da intelectualidade. Privou nomeadamente com Bento de Jesus Caraça, Mário Dionísio, Agostinho da Silva e Fernando Piteira Santos. Manteve polémica com Régio sobre estética, defendendo um “compromisso social da arte e da literatura”. Considerou, entretanto, Eça “notável” e Saramago “ímpar”.

Sem recurso a pseudónimo publicou, além de análises histórico-políticas, o ensaio *A Arte, o Artista e a Sociedade* (Caminho, 1998), do qual ressalta (independentemente dos pontos de vista do ensaísta) a grandeza intelectual da personalidade de Cunhal. Grandeza que sobressai, também, na tradução que fez para a língua portuguesa d'*O Rei Lear*, de Shakespeare, volume lançado em 2002, com introdução de Luís de Sousa Rebelo.

Na arte pictórica, um traço ingénuo define, nos anos trinta, os desenhos de Álvaro Cunhal para o jornal *O Gaiato*, dirigido por Alice Ogando. O gosto e o jeito de desenhar, bem como a pintura, ganham

depois outra perspectiva na linguagem pictórica de Cunhal, com uma imagética ligada ao realismo social e político de uma época. Nas celas da Penitenciária de Lisboa e no Forte de Peniche (décadas de quarenta e cinquenta) preenche o isolamento com papel, madeira, lápis e tintas que lhe chegam às mãos.

Permanece pouco conhecida a obra artística do homem que, acima da paixão pelas artes e do curso de Direito, colocou a luta política. Os *Desenhos da Prisão* e a coleção de telas reproduzidas no álbum *Projectos*, de Álvaro Cunhal, permitem, contudo, avaliar-se uma faceta que, prolongando, em certa medida, o ser político, desoculta uma sensibilidade estética em que o ideário social não se desliga de uma preocupação com a técnica e o estilo.

Cunhal não escondia o fascínio por museus e pelos artistas dos mais diferentes tempos e géneros. Advogando a liberdade criativa, “a descoberta de novos valores formais” — como sublinha no ensaio *A Arte, o Artista e a Sociedade* (1998) — entendia, porém, que a arte deve levar “à sociedade, ao ser humano em geral, uma mensagem (...)”. Esta reflexão fê-la igualmente junto de amigos como Mário Dionísio, e mesmo com Abel Salazar, apesar das suas divergências.

Publicados pela primeira vez em 1975, com segunda série em 1989, *Desenhos da Prisão*, traço sólido, são influenciados pela vida e luta dos camponeses (em que Portinari foi mestre). Na pintura a óleo sobre tela e madeira, subordinada ao mesmo ideário, Cunhal revela-se numa plasticidade que sugere a pintura mural. Terá sido, aliás, nas artes plásticas enquanto refúgio e diálogo íntimo que Álvaro Cunhal corporizou a sua totalidade. Se nos lembrarmos, por exemplo, da *Pietà de Avinhão*, de Charonton, é curioso ver-se uma dada transferência de um sagrado não-dito para o real-humano.

PRINCIPAIS LIVROS

Até Amanhã Camaradas

Romance que inicia a trilogia completada por *Cinco Dias, Cinco Noites* e *A Estrela de Seis Pontas*. Um forasteiro demanda o caminho para Vale da Égua... Greves e feitos na clandestinidade para “reorganizar” os “comités” (anos quarenta). Adaptado a série televisiva para a SIC — realização de Joaquim Leitão.

Cinco Dias Cinco Noites

André, 19 anos, vê-se “forçado a emigrar”. Lambaça compromete-se a levá-lo para Espanha em troca de mil escudos. André suspeita ter caído numa armadilha do contrabandista. Mas, no final, surpreende-se... Esta novela foi levada para o cinema — realização assinada por José Fonseca e Costa.

A Estrela de Seis Pontas

“Pesadão”, coxo, mas seguro de movimentos a lembrarem o seu longínquo passado de marinheiro, o 402 dirigiu-se ao Garino (...), parou um momento e deu-lhe a notícia.

« - Para teu governo. Meteram o Virgolino no segredo».

Romance editado em 1994. São histórias nas (e das) prisões.

A Casa de Eulália

Romance (1997) que recupera a memória da Guerra Civil de Espanha. Álvaro Cunhal, um testemunho de lutas e cumplicidades desse tempo. Dias intensos em Madrid, um olhar sobre a primeira metade do século XX.

Fronteiras

Coletânea de contos (1998). O autor diz, na abertura do livro: «Nenhuma das histórias foi assim tal e qual. Mas tudo o que se conta em cada conto aconteceu. Tudo nestes contos é ficção e tudo neles é realidade». O fio de cada um dos 13 contos prende-se com os “saltos clandestinos de fronteira”, seja em Espanha, França ou Alemanha.

Sala 3

A “sala” destinava-se aos presos “proletários”. O “quarto” era para a “burguesia”. Três contos que falam de ativistas contra o que foi o regime ditatorial português e das torturas infligidas pela PIDE. Este livro (2001) foi antecedido de *Um Risco na Areia* (2000). Em 2002 saiu *Os Corrécios e Outros Contos*.

Lutas e Vidas

Conto editado em 2003. Narrativa em torno dos vidreiros da Marinha Grande e da greve em defesa de melhores condições de vida e de salários. Leonel e a sua companheira Constança, personagens dominantes, são obrigados a andar de casa em casa. E o cão Dog surge a dar ao texto um outro sinal de afetos.

A Arte, o Artista e a Sociedade

Julho de 1996. Álvaro Cunhal publica este ensaio que iniciara há anos. Um trabalho sobre a arte nos contextos da forma e do conteúdo, da estética e da mensagem social no qual o autor revela a sua notável estatura intelectual. Obra de referência sobre “o belo e o valor estético”.

Rei Lear

Álvaro Cunhal surge com a tradução para português d'*O Rei Lear*, de Shakespeare, obra marcante da dramaturgia universal. Capa com desenho de Cunhal. Em “nota do tradutor” é sublinhado *O Rei Lear* como “admirável exemplo (...) da fusão do génio individual com o génio popular”.